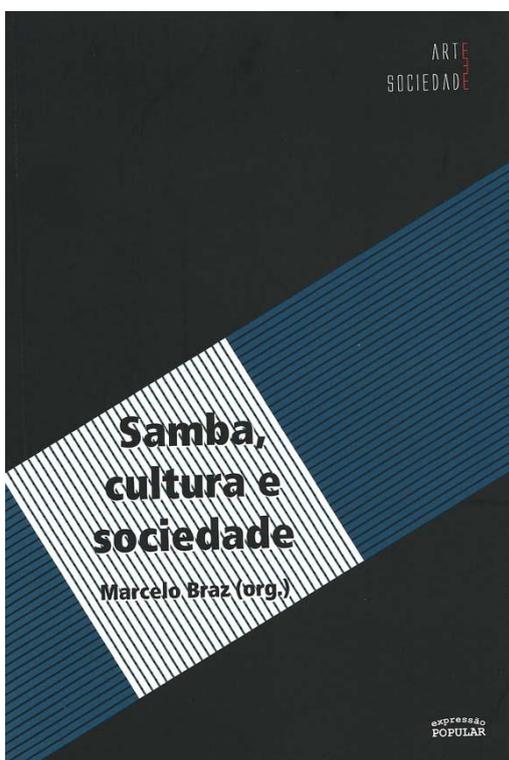


RESENHA

Samba, cultura e sociedade: sambistas e trabalhadores entre a “questão social” e a questão cultural no Brasil

Adriana Ilha da SILVA¹



RESENHA/ BOOK REVIEW

BRAZ, Marcelo (Org.). **Samba, Cultura e Sociedade**: sambistas e trabalhadores entre a questão social e a questão cultural no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

¹ Graduada em Serviço Social pela UFES. Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil), Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, Brasil). Doutoranda em Política Social junto ao Programa de Pós-Graduação em Política Social (PPGPS) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, Brasil). E-mail: <adrianailha@terra.com.br>.

O livro organizado por Marcelo Braz: *Samba, Cultura e Sociedade: sambistas e trabalhadores entre a questão social e a questão cultural no Bras*, apresenta uma nova face do Samba, contemplando o estudo de sua ascendência na sociedade brasileira, relacionando-as com a “questão social”, questão cultural e racial. Para compreender como estas são propagadas e percebidas nas obras de renomados compositores do Samba, e como em suas criações são representadas as particularidades da formação social brasileira, destacando nelas a forma de desenvolvimento e consolidação do capitalismo no Brasil, suas estruturas e contradições, esta obra encontra-se dividida em três partes:

A primeira parte contém três textos (de José Paulo Netto, do saudoso Carlos Nelson Coutinho e do próprio organizador, respectivamente). A intencionalidade é, a partir de uma compreensão teórica da “questão social” e da questão cultural, ver sua inter-relação nas diversas temáticas abordadas nas obras de samba: “a exploração do trabalho, a habitação, a questão socioespacial, a violência, as questões étnico-culturais, o cotidiano do trabalhador e suas estratégias de sobrevivência no universo das relações sociais em que está imerso, dentre outras” (BRAZ, 2013, p.13).

Como um dos grandes temas, José Paulo Netto expõe sobre a “questão social” e suas perspectivas: conservadora e crítica marxiana. Na primeira, a “questão social” é naturalizada e abju-

rada em objeto de *ação moralizadora*. Na segunda, a partir do movimento de trabalhadores de 1848 e de estudos rigorosos do Marx em 1867, sobre o “processo de produção do capital” e a “Lei geral da acumulação capitalista”, a essência da “questão social” é desnudada, esclarecendo sua dinâmica, sua complexidade e seu caráter necessário aos estágios do desenvolvimento capitalista, determinada pela relação capital/trabalho – a exploração. Os desafios teóricos ao seu estudo consistem em: 1) “determinar concretamente a relação entre as expressões emergentes e as modalidades imperantes de exploração”; 2) e “considerar as particularidades histórico-culturais e nacionais” (BRAZ, 2013, p.29).

De modo a conduzir o debate da Questão Cultural, Carlos Nelson Coutinho apresenta elementos teóricos e analíticos, descrevendo os determinantes histórico-genéticos essenciais à compreensão estrutural da cultura brasileira intrínseca ao modo peculiar de desenvolvimento social no Brasil (do Colonialismo ao Capitalismo Monopolista de Estado, até 1979). Neste trabalho a questão cultural consiste “à expressão da forma como a cultura universal introduziu-se entre nós, refletindo o processo político ‘pelo alto’ conduzido pelas classes dominantes, que, se por um lado estavam permanentemente em disputa pela hegemonia entre seus próprios segmentos internos, por outro jamais vacilaram em se unir contra as classes trabalhadoras.” (BRAZ, 2013, p.87).

Sobre a práxis artístico-cultural, Marcelo Braz nos encaminha ao significado social do samba, argumentando-o “como produto histórico da atividade humana (uma modalidade de práxis) em que se expressa à consciência social que os homens elaboram sobre uma determinada época. Sua forma, estilos e tendências não são separados de seu significado social, sendo, antes uma consequência desenvolvida a partir dele.” (BRAZ, 2013, p.68). É a partir dessas reflexões que o autor considera como objetivo central particularizar a ‘questão social’ e a questão cultural de modo a perceber como elas são representadas no mundo do samba, na sua história e nas suas obras, expressando: “a exploração do trabalho, a habitação, a questão socioespacial, a violência, as questões étnico-culturais, o cotidiano do trabalhador e suas estratégias de sobrevivência no universo das relações sociais em que está imerso, dentre outras.” (BRAZ, 2013, p.13).

A segunda parte do livro consiste em quatro textos, que abordam o samba com referências teórica e histórica, como expressão sociocultural brasileira: discutindo sua gênese, seu processo formativo e suas transformações a partir das reflexões da primeira parte do livro. Marcelo Braz anuncia a discussão do samba, retratando o conteúdo de suas composições como expressões da “questão social” e da questão cultural. O autor afirma que “o samba urbano carioca se constitui como um produto social das atividades socioculturais de diversificadas camadas de

trabalhadores. Se por um lado vivenciam as inúmeras mudanças do país e da cidade afastadas de seus centros decisórios, por outro, manifestam através da cultura (e do samba, especialmente) sentimentos de classe contraditórios, que ora se mostram resignados, ora revoltos, mas que, de algum modo, exprimem determinadas formas de resistência cultural.” (BRAZ, 2013, p.79).

Augusto Lima, em seu texto, elucida como a questão racial é constitutiva da questão social, e sua importância na história e aspectos formativos do samba (socioeconômicos e socioculturais), de modo “a pensá-lo não só como gênero musical em constantes contatos e recriações, mas também como cultura no seu sentido antropológico, com os sujeitos que a produzem num tempo histórico, em certas condições materiais de existência, numa determinada sociedade – no caso, a brasileira e carioca – em que a condição social de sua população se mescla indissociavelmente com a sua negritude, ainda que sua história tenha também participação de brancos” (BRAZ, 2013, p.116).

Ao propor um roteiro para estudos sobre o samba, Victor Neves tem como ponto de partida que o samba deve ser situado em uma dimensão histórico-processual, e como um estilo peculiar da música popular brasileira. Afirma que “o samba é uma manifestação do conhecimento artístico sobre uma determinada realidade objetiva, e de (auto)conhecimento daqueles que o produzem, e, como tal, ele *tem uma história*

que está ligada, em última instância, às linhas constitutivas do movimento histórico no qual os homens estabelecem determinadas relações entre si e se objetivam” (BRAZ, 2013, p.123).

No último texto da segunda parte, Marcelo Braz responsabiliza-se em recuperar num texto de José Ramos Tinhorão, um dos mais respeitáveis pesquisadores da música brasileira, as relações com “questão social” e questão cultural. O autor defende que há na obra de Tinhorão uma riqueza analítica, na qual se identifica, dentre outros aspectos, o “movimento contraditório das classes, numa perspectiva que articula num só tempo as mediações econômicas, sociais e políticas que interatuam no campo da cultura” (BRAZ, 2013, p.155).

E, por fim, na terceira parte dessa obra são expostos aspectos particulares do mundo do samba, de definidos compositores, em cinco textos. No primeiro, escrito por Luiz Ricardo Leitão, descreve como Noel Rosa delineia as contradições do regime agroexportador, desvelando uma particular dialética do movimento da empresa colonial, atualizando à época “um tema que os brasileiros já conheciam de berço: a espoliação de nossas riquezas pelo sistema mercantil e o empobrecimento agudo da população” (BRAZ, 2013, p.181). No segundo texto, Marcelo Braz, ao tratar os sambas de Noel Rosa e Wilson Batista, concorda com o autor anterior sobre Noel Rosa, ao enfatizar que em suas composições há contradições sociais no cotidiano que abarcam

a vida do povo, e que envolvia também o universo criativo de Wilson Batista, que se desenvolviam as relações capitalistas dos anos de 1930. Já Guilherme Ferreira Vargues discute a ascendência, a construção e a consolidação das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, demonstrando em sua constituição o sentimento de comunidade, com grandes lideranças, ampliando “o patrimônio social do samba na cidade do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que se amplia a legitimidade deste setor da população para com o restante da cidade” (BRAZ, 2013, p.202). Narra, ainda, as trajetórias de Paulo da Portela e Antônio Candeia. O primeiro sendo uma das lideranças populares e articulador da integração racial por meio da cultura de maior expressão da cultura carioca de seu tempo; e o segundo, em uma época posterior, defensor de que qualquer projeto cultural consistia em um projeto de conscientização político e pedagógico à cultura afro-brasileira.

Sobre Paulinho da Viola, Eduardo Granja Coutinho identifica a partir de suas composições a “tradição popular com o conceito de contra-hegemonia” e o samba como “uma forma de contracultura” (BRAZ, 2013, p.123), onde a tradição do samba carioca é permeada pela tradição negro-proletária, expressando através da poesia a consciência política desse grupo. E, por fim, o último texto também de Eduardo Granja trata a obra de Bezerra da Silva e como o sambista expõe a “questão social”, considerando que “seu samba é uma crônica da vida marginal das favelas

cariocas atravessadas por profundas contradições sociais” (BRAZ, 2013, p.241) “denunciando preconceitos e injustiças, expressando sua consciência crítica” (BRAZ, 2013, p.244).

Assim, ao ler o livro o leitor perceberá que os estudos aqui realizados tratam o samba não como uma pesquisa estritamente cultural, mas como uma das mais ricas manifestações socioculturais de frações da classe trabalhadora no Brasil, compreendendo e expressando sua história, e suas relações com a “questão social”, questão cultural e questão racial. Trata-se de uma excelente indicação de leitura aos estudiosos e curiosos da temática e dos aspectos versados.